

A CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA NA CRÔNICA “BALEIAS NÃO ME EMOCIONAM”, DE LYA LUFT

Aline FRATTI¹
Profa. Msc. Eliana S. Oliveira VALENTE

RESUMO

O presente estudo enfoca a crônica “Baleias não me emocionam”, escrita por Lya Luft, no que se refere às estratégias textuais- argumentativas exploradas pela autora na construção de seu texto, tendo em vista que a seleção e o emprego de determinados recursos geram efeitos de sentido capazes de se configurarem como estratégias de sedução diante do leitor, e ao mesmo tempo, cumpre a função de persuadi-lo sobre as ideias manifestadas no texto. Observa-se que a autora, consagrada pela crítica como uma das maiores cronistas contemporâneas no Brasil, utiliza-se de múltiplas estratégias argumentativas com destreza e a favor de temas que envolvem a discussão sobre a desvalorização do homem e o descaso com a vida, como se confirmou pela análise da crônica em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Análise textual, construção argumentativa, crônica jornalística.

1. Introdução

Ao longo de toda a história, a linguagem vem ganhando novas formas de interação social, esta que já foi compreendida como forma de representação do pensamento, instrumento de comunicação, é hoje vista como uma forma de interação. Segundo Marcuschi língua “[...] é tomada como uma atividade sociointeracionista desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados.” (2008, p.61) Enquanto para Bronckart a linguagem “[...] confere às organizações e atividades humanas uma dimensão particular, que justifica que sejam chamadas de sociais” (2003, p.31), assim sendo o homem é um ser ativo perante a sociedade, capaz de transformar as formas de interagir socialmente a fim de estabelecer uma melhor interação com o meio e com o outro, este é capaz de criar ou alterar gêneros discursivos ou textuais, como as notícias e as crônicas.

A discussão sobre o conceito de gêneros tem ocorrido desde Aristóteles que os dividiu em três: o lírico, o épico, e o dramático. Contudo, por volta do século XX, Bakhtin propôs uma distinção entre os mesmos, chamando de “primários” (ou livres) os que são construídos

de forma simples e espontânea, originários do discurso do cotidiano, e de “secundários” (padronizados) os que são construídos de forma mais complexa como é o caso dos gêneros literários, jurídico ou jornalístico. Assim reconhecemos que cada esfera possui seus próprios gêneros e cada gênero, uma função específica.

Tomando como foco da análise o gênero híbrido crônica, presente na esfera jornalística e literária, podemos perceber, levando em consideração a função própria de cada gênero e o contexto social implícito no texto, a identidade própria deste gênero. A crônica é o gênero que se relaciona com o seu contexto histórico e social, ou seja, discorre sobre assuntos do cotidiano, banais ou não, com uma linguagem simples que se a semelha a uma conversa do dia-a-dia, o que lhe atribui o teor reflexivo, irônico ou humorístico com o objetivo de persuadir o sujeito leitor, daí a sua característica atemporal. Carlos Drummond de Andrade afirma:

A crônica é fruto do jornal, onde aparece entre notícias efêmeras. Trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece (...). Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista costuma escrever pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto, estabelecendo uma atmosfera de intimidade com o leitor. (ANDRADE, 1999, p.12-15)

Essas considerações ficam perceptíveis nas crônicas da escritora e tradutora Lya Fett Luft, que nascem quase sempre de fatos noticiados pela mídia. O trabalho da autora é consagrado pela crítica e Luft se destaca na mídia como uma das maiores cronistas contemporânea no Brasil.

A tessitura dos textos de Lya Luft chama a atenção por sua leveza linguística e acidez argumentativa, configurando-se como um convite reflexivo ao leitor. Merece, portanto, atenção especial e o que se propõe aqui é justamente discutir, a partir de embasamento teórico, as estratégias textuais-argumentativas que são exploradas pela autora na construção dos seus textos, a ponto de envolver o leitor e, ao mesmo tempo, persuadir o sujeito a respeito de suas ideias, considerando serem suas crônicas constitutivas de elevado teor persuasivo. Para tanto, foi escolhido o texto: “*Baleias Não Me Emocionam*”, publicado em 25 de agosto de 2004, pela revista *Veja* (Edição 1868).

2. A crônica: breves considerações sobre o gênero

O termo crônica origina-se do latim *chronicae*, mas também refere-se ao deus do tempo, Chronus, por se tratar de um gênero narrativo, que circula entre os gêneros jornalístico e literário, registrando o circunstancial, o cotidiano de um determinado local e época de maneira, reflexiva, irônica, humorística, ou informativa. Para MELO (2002, p.140) a crônica contém “[...] o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares”.

Antes da crônica ser um gênero jornalístico, esta já existia na Europa medieval como forma de relato ou testemunho, com o principal objetivo de registrar os grandes acontecimentos para que estes pudessem servir de exemplo para outras gerações sob as perspectivas histórica e moral, já na Idade Média, a crônica tinha por propósito manter a memória dos acontecimentos sem se preocupar com a questão moral. Massaud diz que “[...] a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha” (MASSAUD, 1984, p. 245), sendo que Fernão Lopes foi um dos cronistas mais importantes que se têm notícias.

Lopes foi um renovador da linguagem que conseguiu a partir da escrita uma ruptura com a tradição medieval. Contratado para ser um cronista oficial do reino de Portugal no século XIV, Fernão foi eleito cronista-mor, responsável por escrever a história de D. Pedro e D. Fernando, suas crônicas ganharam tamanha importância devido à linguagem utilizada por Lopes, que até então não era comum, traços como a subjetividade, casualidade, e marcas da oralidade eram utilizadas para registrar os acontecimentos do período.

No século XVII, as crônicas passam a ter uma ligação com as narrativas de viagem, já que é neste momento em que o cronista passa a ser um observador mais aguçado e testemunho dos cenários e personagens os quais encontram em suas viagens. Segundo Sá, uma das crônicas mais antigas com essas características seria a carta escrita por Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel ao chegarem a Terra de Vera Cruz, a qual é, indiscutivelmente, a “[...] criação de um *cronista* no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva” (SÁ, 1985, p. 6 e 5)

Ao recitar tudo o que aconteceu e encontrou na nova terra, Pero não deixa que este acontecimento seja esquecido, o que faz este registro ser considerado uma crônica já que também segue tempo cronológico e mostra o cotidiano e a realidade da nova terra, assim não sendo insignificantes os detalhes por ele descritos.

Seu relato é, assim, fiel às circunstâncias, onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. [...] a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é criada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. (SÁ, 1985, p. 6)

A crônica teve seu início como folhetim sendo publicada como rodapé nos jornais, espaço dedicado para qualquer tipo de texto: críticas literárias, piadas, ou textos de ficção divididos em várias partes. Foi somente no século XIX, momento em que o jornalismo passou a ter uma expansão significativa, que a crônica foi ganhando novo enfoque e linguagem, pois neste momento o jornalista Paulo Barreto percebe que a cidade estava se modernizando rapidamente e que isso exigia uma mudança de comportamento por parte dos jornalistas, ao invés de permanecer em uma redação à espera de conteúdo para transformá-lo em reportagem, Barreto ia até os locais para vivenciar os acontecimentos “e assim dar mais vida ao próprio texto” (Sá, 1985, p. 08) ficando conhecido pelo pseudônimo João do Rio.

João do Rio (seu pseudônimo mais conhecido) construiu uma nova sintaxe, impondo a seus contemporâneos uma outra maneira de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria também a linguagem e a própria estrutura folhetinesca. Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais “literária”[...] (SÁ, 1985, p. 8 e 9)

Sob o enfoque dos estudos contemporâneos sobre os gêneros textuais, a crônica narra fatos de ordem cronológica abordando temas atuais com teor reflexivo, irônico ou humorístico, assim se aproximando do público leitor com uma linguagem despretensiosa e direta, assumindo a característica atemporal. O professor e crítico literário Antônio Candido ressalta em seu artigo “A vida ao rés-do-chão” que:

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. (CANDIDO, 2003, p. 89)

3. Lya Luft e apresentação do *corpus*

Nascida em 1938 no Rio Grande do Sul, filha de descendentes germânicos, Lya Luft aprendeu alemão e já demonstrava desde cedo gosto pela leitura, aos onze anos já realizava leituras dos poemas de Goethe e Schiller. Formou-se em Porto Alegre em Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica.

A escritora, professora e tradutora Lya Luft iniciou sua carreira como escritora no ano de 1962 com a publicação do livro “Canções de Limiar” o qual reunia poesias escritas na época. Além de escrever poesias, Luft também escrevia crônicas semanais para o Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre publicando em 1978 seu primeiro livro de crônicas intitulado “Matéria do Cotidiano”. Traduzia obras do Alemão ou do inglês para o português, obras como as de Virgínia Woolf, Doris Lessing e Thomas Mann, ao todo Luft traduziu mais de cem obras ganhando destaque com a Tradução de “Anestesia local” de Günter Grass em 1974 da Editora Globo, de Porto Alegre. Lya atuou como professora universitária, concluiu mestrado em Linguística e em Literatura Brasileira, atualmente trabalha como colunista mensal para a revista Veja.

Em 1979, após um acidente automobilístico quase fatal, Lya Luft decidiu fazer tudo o que antes evitava, assim dois anos após o acidente Luft começa a escrever obras de ficção, publicando em 1980 seu primeiro romance “As Parceiras” pela Editora Nova Fronteira, ao todo a escritora publicou quase 30 livros, no entanto, só se tornou best-seller com a publicação das crônicas presentes na obra “Perdas e Ganhos”, publicada em 2003.

As obras da autora chamam a atenção pela forma de argumentar com o sujeito leitor e pela leveza ácida com a qual aborda os mistérios do ser humano, tema como a morte, amizade, angústia, desencontro, infância, felicidade e honestidade são abordadas em seus romances e crônicas. Muitos leitores lêem suas crônicas como se fosse uma espécie de auto-ajuda por explorar em seus textos temas que pertencem ao imaginário da sociedade moderna. Segundo Fonseca (2011, p. 118) “o texto de Lya é bastante autobiográfico, o que proporciona um efeito de proximidade ainda maior com o leitor”. A maneira como Lya Luft aborda os temas foi mudado, porém os temas são os mesmos. Por esse motivo alguns resenhistas a comparam com Machado de Assis, pois ambos chamam a atenção pela mesma característica: o ceticismo. O resenhista Gustavo Bernardo publicou em 2004 uma resenha sobre a obra “As parceiras” na qual compara Lya Luft a Machado de Assis:

Resenhar romance lançado há 23 anos, traduzido para o alemão, reeditado e resenhado várias vezes, é uma temeridade – mas, tratando-se do primeiro romance de Lya Luft, uma temeridade necessária. Da mesma maneira que me parece um equívoco ler apenas os últimos romances de Machado de Assis, deixando no limbo, por exemplo, Ressurreição, no momento em que esta autora sofisticada alcança o

status de best-seller torna-se uma imposição retornar a *As parceiras*, seu primeiro romance. (BERNARDO, apud BUDDE, 2007, p. 50)

Foi escolhido para compor o *corpus* do presente trabalho a crônica “*Baleias não me emocionam*”, publicada em 25 de Agosto de 2004, pela revista *Veja*. Após explodir nos noticiários o resgate a uma Baleia no Rio de Janeiro e a Folha de São Paulo publicar notícia comovente com o título “Morte de baleia emociona grupo que acompanhava resgate em Niterói”, Lya Luft escreve sua crônica intitulada “*Baleias não me emocionam*” na qual deixa transparecer a sua opinião sobre os gastos exagerados e dedicação intensa na tentativa de desencalhar uma baleia jubarte.

Sua argumentação é tão eficaz que, ao final da leitura, o leitor se percebe convencido das razões ali apresentadas, parecem verdades inquestionáveis. Isso motivou a realização deste trabalho, ou seja, compreender que recursos argumentativos a autora utiliza na confecção dos seus textos, como ela vai envolvendo o leitor a ponto de persuadi-lo sobre o tema discutido. Segue-se a análise do *corpus*.

4. A Construção argumentativa na crônica “*Baleias não me emocionam*”

A arte de argumentar vai muito além do apenas convencer o outro a submeter-se a nossa vontade. Argumentar é penetrar-se no universo de uma outra pessoa com a capacidade de relacionar-se interpessoalmente e assim comunicar e compreender ideias e emoções. Abreu (2009, p. 06) declara que argumentar é “obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro”. Desta maneira, argumentar possui um caráter dialético já que acarreta uma resposta por parte do receptor. Para Abreu “argumentar é, pois, em última análise, a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça” (ABREU, 2009, p. 15).

Neste sentido, através da argumentação, que é constituída pelos objetos do discurso que vão recriar os objetos do mundo por meio das palavras, se estabelece uma ligação entre o sujeito e o outro. Para Bakhtin (1999, p. 113): “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. Assim, agindo discursivamente sobre o outro, o locutor garante fazer desta ponte o caminho ideal para disseminar suas ideologias e angariar adeptos cujas ações se aproximem das por ele esperadas.

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos e valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ATO DE ARGUMENTAR constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer momento subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (KOCH, 2004, p.19).

Pensando nas considerações teóricas sobre a argumentação e aplicando seus conceitos aos textos de Lya Luft, percebe-se a riqueza argumentativa das suas crônicas que, num misto de leveza e acidez, consegue tecer o melhor dos efeitos reflexivos sobre o sujeito leitor. Assim, seguem as análises da crônica escolhida a fim de ilustrar alguns dos principais recursos argumentativos nela empregados.

Entre as estratégias usadas pela referida autora, a pressuposição é explorada no título para causar uma impressão de frieza que desperta a atenção e encaminha o leitor para o texto: “Baleias não me emocionam”. Por trás de toda negação, ouve-se uma voz que afirma, assim, o discurso encaminha-se para uma oposição à voz social de que baleias emocionam, numa relação interdiscursiva com todos os dizeres previamente instaurados sobre a beleza da natureza, a raridade do animal, a preservação da espécie, ou a falha do poder de contemplação do sujeito enunciador que deveria se emocionar ao ver a espécie. Segundo Fiorin (2002, p. 242): “na leitura e interpretação de texto, é muito importante detectar os pressupostos, pois seu uso é um dos recursos argumentativos utilizados com vistas a levar o ouvinte ou o leitor a aceitar o que está sendo comunicado”.

Ao se ler o texto, logo no início o leitor se depara com a declaração: “Não sei se me aborrece ou me inquieta ver tantas pessoas acorrendo, torcendo, chorando, porque uma baleia morre encalhada. Mas certamente não me emociona [...] Sei que não vão me achar muito simpática [...]” (LUFT, 2004, p.20)

A passagem esclarece que tipo de emoção ela diz não sentir, o que acaba gerando uma confirmação da ideia de frieza diante do sofrimento alheio. Entretanto, logo na sequência ela usa outro pressuposto que rebate as vozes acusativas esperadas diante do proposto: “Não gosto de ver bicho sofrendo: sempre curti animais, fui criada com eles” (LUFT, 2004, p.20), o que parece opor-se às ideias iniciais de que ela não se importava com a baleia encalhada ou que goste de ver bicho sofrendo. A contradição aparente de ideias estabelecida neste ponto é rebatida pelas justificativas que se tornam argumentos sólidos no parágrafo seguinte:

Não é que eu ache que sofrimento de animal não valha a pena, a solidariedade, o dinheiro. Mas eu preferia que tudo isso fosse gasto com eles depois de não haver mais crianças enfiando a cara no vidro de meu carro para pedir trocados, adultos famintos dormindo em bancos de praça, famílias morando embaixo de pontes ou adolescentes morrendo drogados nas calçadas. Tenho certeza de que um mendigo morto na beira da praia causaria menos comoção do que uma baleia. (Luft, 2004, p. 20)

O leitor se depara então com a temática do texto: o descaso com o ser humano e com a vida. É em favor da defesa dessa tese que o texto assume o caráter eminentemente argumentativo, visando a defesa de uma opinião pessoal para a qual se espera a adesão dos leitores.

Os verbos no presente e em 1ª pessoa, usados ao longo do texto, são ferramentas linguísticas que ajudam a materializar sua opinião e, mais que isso, se torna um recurso de aproximação com o leitor, fazendo-se íntimo dele e o trazendo para o seu mundo. Para garantir que essa proximidade se torne eficaz, a autora ainda relata fatos de suas vivências particulares, como se vê:

[...] sempre curti animais, fui criada com eles. Na casa onde nasci e cresci, tive até uma coruja, chamada, sabe Deus por quê, Sebastião. Era branca, enorme, com aqueles olhos que reviravam. Fugiu da gaiola especialmente construída para ela, quase do tamanho de um pequeno quarto, e por muitos dias eu a procurei no topo das árvores, doída de saudade. Na ilha improvável que havia no mínimo lago do jardim que se estendia atrás da casa, viveu a certa altura da minha infância um casal de veadinhos, dos quais um também fugiu. O outro morreu pouco depois. Segundo o jardineiro, morreu de saudade do fujão – minha primeira visão infantil de um amor romeu-e-julieta. Tive uma gata chamada Adelaide, nome da personagem sofredora de uma novela de rádio que fazia suspirar minha avó, e que meu irmão pequeno matou (a gata), nunca entendi como – uma das primeiras tragédias de que tive conhecimento. (LUFT, 2004, p. 20)

Ao aproximar-se das experiências narradas, o leitor é desautorizado completamente a julgar sua forma de abordagem temática, já que não há brechas para dizer que ela não sabe o que é o amor pelos bichos. Inclusive ela finaliza destacando a boa relação que sempre manteve com os animais: “De modo que animais fazem parte de minha história, com muitas aventuras, divertimento e alguma emoção” (LUFT, 2004, p.20), entretanto, por meio da palavra “alguma”, explicita certa limitação em suas emoções com relação a eles, reforçando a tese defendida no texto.

Chama a atenção no trecho acima a descrição dos animais que ela teve: a coruja branca, o casal de veadinhos e a gata. A coruja branca é um animal raro e nada doméstico – tanto que fugiu “[...] mesmo com uma gaiola especialmente construída para ela” (LUFT, 2004, p.20) - os veadinhos são animais livres, que vivem em bando e não precisam dos homens, precisam da natureza e de uns dos outros para sobreviverem. Já a gata, animal culturalmente doméstico, é descrita como sofredora o que chega a ser intrigante, já que o

animal mais próximo do homem e que deveria receber todo amor, cuidado e proteção, acaba sendo a maior vítima dele: “meu irmão pequeno matou” (LUFT, 2004, p.20). Na crônica ela está tratando justamente da sua posição contrária aos descuidos com a vida daqueles que estão próximos, sofrendo, marginalizados, à beira da morte. Enquanto os que deveriam receber especial cuidado padecem, a atenção se volta para elementos secundários, é como se a gata Adelaide fosse usada como figura do ser humano sofredor.

Finalizada essa breve digressão sobre sua experiência com os animais, a autora retorna, no quinto parágrafo, à questão polêmica tratada no texto, sinalizando esse retorno por meio do conectivo “mas” – “Mas voltemos às baleias encalhadas” (LUFT, 2004, p.20). Prossegue criticando a exagerada mobilização e comoção diante de fatos trágicos que envolvem animais e, também, o grande espaço concedido pela mídia na cobertura desses acontecimentos

[...] pessoas torcem as mãos, chegam máquinas variadas para içar os bichos, aplicam-se lençóis molhados, abrem-se manchetes em jornais e as televisões mostram tudo em horário nobre. O público, presente ou em casa, acompanha como se fosse alguém da família e, quando o fim chega, é lamentado quase com pêsames e oração. (LUFT, 2004, p. 20)

A colocação acima é seguida de uma defesa contra as possíveis acusações sociais a que sua posição seria submetida:

Não é que eu ache que sofrimento de animal não valha a pena, a solidariedade, o dinheiro. Mas eu preferia que tudo isso fosse gasto com eles depois de não haver mais crianças enfiando a cara no vidro de meu carro para pedir trocados, adultos famintos dormindo em bancos de praça, famílias morando embaixo de pontes ou adolescentes morrendo drogados nas calçadas. (LUFT, 2004, p. 20)

A primeira parte do enunciado funciona como uma resposta às possíveis acusações e, ao se introduzir o conectivo mas, uma nova ordem de sentido se estabelece opondo-se ao primeiro enunciado, ou seja, não se trata de ser indiferente ao sofrimento dos animais, mas nunca se deve colocá-lo acima do sofrimento humano, numa escala de prioridade, o ser humano deveria estar em primeiro lugar, entretanto estão na condição de pedintes, famintos, sem teto, drogados e morrendo à mingua, assim a ideia de “[...] preferia que tudo isso fosse gasto com eles [os animais]” (LUFT, 2004, p.20), as formas remissivas “tudo” e “isso” se remetem ao dinheiro, à solidariedade, ao destaque enunciado anteriormente no texto, focando agora na necessidade de redirecionar o foco e as ações no socorro ao ser humano.

No penúltimo parágrafo da crônica a convicção da autora sobre sua tese é explicitada pela expressão linguística “Tenho certeza de que”, como se pode ler abaixo:

Tenho certeza de que um mendigo morto na beira da praia causaria menos comoção do que uma baleia. Nenhum Greenpeace defensor de seres humanos se moveria. Nenhuma manchete seria estampada. Uma ambulância talvez levasse horas para chegar, o corpo coberto por um jornal, quem sabe uma vela acesa. Curiosidade, rostos virados, um sentimentozinho de culpa, possivelmente irritação: cadê as autoridades, ninguém toma providência? (Luft, 2004, p. 20)

E na sequência ela retoma a dualidade expressa na primeira linha da crônica, quando declara: “Hoje quero falar de gente e bichos” (gente x bicho). Como sabemos, a escolha das palavras para compor um texto não é aleatória, pois estas aparecem a serviço de certos efeitos de sentidos, que, no caso do texto em análise, certamente seriam outros, se a autora tivesse optado pelo uso dos termos “pessoas e animais”, que não favorecem seu objetivo comunicativo de imprimir maior valorização à vida humana do que à vida animal.

Quando ela retrata a oposição “mendigo morto” x “baleia” ela recobra o efeito de sentido inaugural (gente x bicho) e foca a inversão de valores sociais, porque seus argumentos apontam para a “comoção”, para a mobilização de “Greenpeace”, para o interesse da mídia – “manchete estampada” – voltados à baleia, enquanto ao mendigo restaria: demora no socorro, jornal velho (em oposição às grandes manchetes) e “sentimentozinho de culpa” (no diminutivo para projetar sarcasticamente o descaso cotidiano), completado pela dissipação da culpa ao enunciar cobranças vazias elencadas nas perguntas retóricas frequentemente usadas no discurso comum e popular: “cadê as autoridades? ninguém toma providência?”. Neste mesmo trecho, o emprego dos modalizadores “talvez”, “quem sabe” e “possivelmente” apontam ainda para a atitude de dúvida da autora no que se refere às ações humanas em situação hipotéticas que exigem a solidariedade e a ação das pessoas em relação ao socorro do próprio ser humano. Ou seja, instala-se a ironia como pressuposto básico.

O fechamento da crônica usa da exploração dos sentidos conotativos das palavras “armadura” e “deletar”, como se pode observar:

Diante de um morto humano, ou de um candidato a morto na calçada, a gente se protege com uma armadura. De modo que (perdão) vejo sem entusiasmo as campanhas em favor dos animais – pelo menos enquanto se deletarem tão facilmente homens e mulheres. (LUFT, 2004, p. 20)

A palavra “armadura” significa, segundo o dicionário Michaelis 2009 (online):

1. *Conjunto de peças metálicas, articuladas entre si, com que se revestiam os antigos guerreiros, em particular os da Idade Média.*
2. *Qualquer tipo de estrutura anatômica que um animal usa para se defender.*
3. *Revestimento de proteção, como chumbo, chapas de aço etc.; blindagem, couraça.*

Portanto, os sentidos de armadura são redirecionados no texto ironicamente já que um morto ou alguém prestes a morrer não seria uma ameaça. Mas o efeito de sentido aqui é

justamente construído a partir da inversão funcional da armadura, que protegeria agora da obrigação de ajudar o outro que precisaria ser protegido. Da mesma forma, em “deletar” se percebe o sentido de “apagar” sendo ampliado, ou seja, apaga-se da memória o outro, ou o valor do outro, não simplesmente uma letra ou um texto qualquer, como comumente significa este verbo. Além destas duas palavras, chama a atenção ainda neste último parágrafo o pedido de perdão que aparece entre parênteses, como se a autora tivesse consciência da rejeição da sua tese e dos seus argumentos por parte de alguns leitores e, sarcasticamente, ao pedir “perdão”, ela instaura a sua posição como imutável “pelo menos enquanto se deletarem tão facilmente homens e mulheres”.

A construção argumentativa do texto de Lya Luft aqui analisado, como se pode perceber, é estabelecida a partir de uma série de recursos explorados ao longo da sua tessitura. De acordo com Koch e Elias,

A Argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (KOCH e ELIAS, 2016, p. 24).

O texto “Baleias não me emocionam” compõe uma crítica bem pensada às atitudes do mundo atual e se insinua como um retrato da sociedade contemporânea, em que as tragédias humanas se tornam cada vez mais triviais aos olhos do próprio homem. O domínio da linguagem e seus recursos fazem do sujeito enunciador o porta-voz daqueles que, ao se depararem com situações como as apresentadas no texto, se situam em defesa da raça humana.

Palavras são minha arma: como ficcionista, meu espaço de trabalho é o drama humano: palco, cenário, bastidores e os mais variados personagens com os quais invento histórias de magia ou desespero. Como cronista, observo e comento a realidade como a vejo, com toda a gama de enganos que a gente comete: os causados pela incompetência, pessoas em postos errados, e aqueles nascidos da ganância, do apego ao poder, ou de alguma ideologia controladora pela qual tudo se sacrifica, até a honra ou o bem-estar de um povo. (LUFT, 2015, quarta capa)

5. Considerações Finais

Após a análise da construção textual-argumentativa do texto escolhido como *corpus* neste trabalho nota-se a complexidade dos recursos empreendidos na composição de um texto cuja finalidade é levar o outro a crer na tese apresentada, bem como persuadi-lo à ação favorável a ela. Sabemos que a escolha dos elementos linguísticos não é aleatória e que o entrelaçamento do texto com os fatores pragmáticos e históricos que compõem o processo

interacional projeta efeitos de sentido no sujeito leitor, cujo objetivo não se limita a fazer entender determinado tema, mas instaura a necessidade de provocar uma reação.

A autora da crônica analisada soube como usar de artifícios argumentativos em favor do seu ponto de vista, arquitetando o seu dizer de modo envolvente e prático, leve e ácido, doce e azedo, suave e áspero – extremos que representam a própria humanidade paradoxalmente constituída e destituída de valores, humanidade esta alfinetada por Lya Luft em suas crônicas tão bem projetadas.

6. Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade. Caros Amigos**. São Paulo. n. 29, p. 12-15, ago. 1999.
- ABREU Antônio Suárez, **A arte de argumentar gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê, 2009.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 2003.
- BAKHITIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BUDDE, L. **A Espessura da Existência Humana: Perdas & Ganhos na obra de Lya Luft**, 2007, 125fl. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.
- FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FONSECA, R. S. **A construção de sentidos no texto escrito: um estudo das estratégias textual-discursivas na crônica de Lya Luft**. Cadeiras de Letras da UFF. Dossiê: Linguagens em diálogo. Nº 42, p. 109-131, 2011. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/42/artigo7.pdf>, acesso em 10 de julho de 2019.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.
- LUFT, Lya. Baleias não me emocionam. **Veja**, poder interior, edição: 1868, ano 37, n. 34, p. 20, 25 de ago. 2004
- LUFT, L. **Paisagem brasileira: dor e amor pelo meu país**. Rio de Janeiro: Record, 2015
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MASSAUD, M. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 245.
- MELO, J. M. de. A crônica. In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Orgs.). **Jornalismo e Literatura –A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.